

Priscila Bosso Topdjian*

Universidade Estadual de São Paulo

O ser em desassossego: da angústia à náusea em Álvaro de Campos e Bernardo Soares

Resumo: Este artigo propõe uma leitura analítica de alguns fragmentos e poemas da obra de Fernando Pessoa, a partir da análise de textos do semi-heterônimo Bernardo Soares e de poemas do heterônimo Álvaro de Campos. A pesquisa tem como objetivo analisar de que modo a angústia, o cansaço e a náusea se articulam nas escritas dessas duas personalidades literárias, revelando modos de representação da crise do sujeito moderno. A fundamentação teórica baseia-se, sobretudo, no conceito de angústia desenvolvido por Martin Heidegger (2024), para quem esse sentimento possui um caráter ontológico e produtivo, na medida em que o ser, consciente de sua finitude, torna-se capaz de criar artisticamente a partir do desamparo e da lucidez diante da morte. A angústia nas obras de Soares e Campos desdobra-se no cansaço existencial e, em sua forma limite, na náusea, compreendida como reação do sujeito poético diante do absurdo da existência. Essa tríade conceitual: angústia, cansaço e náusea constitui o eixo que sustenta a leitura comparativa entre as duas vozes pessoanas, ambas marcadas pela recusa da banalidade, pela introspecção e pela consciência fragmentária do eu. O estudo dialoga ainda com a obra *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre, publicada em 1938, marco do existencialismo francês, na qual o protagonista Antoine Roquentin, assim como Bernardo Soares e Álvaro de Campos, enfrenta o vazio da existência e a perda de sentido do mundo. A crise da unidade do sujeito, presente nos fragmentos de Bernardo Soares, manifesta-se, de modo análogo aos poemas de Álvaro de Campos, por meio de um movimento vertiginoso entre a voz do autor e o mundo exterior. A observação do real converte-se em reflexão interior e em um processo de autonegação que configura a escrita como espaço de questionamento e revelação. A fundamentação crítica deste artigo apoia-se nos estudos pessoanos de Eduardo Lourenço (2017), Jerónimo Pizarro (2018) e Carlos Felipe Moisés (2005). Para a crítica dedicada a Soares e Campos, que propõe estudos comparativos com os trabalhos de Heidegger e Sartre, foram utilizadas as pesquisas de Gabriela Sofia Martins Pó (2015), Georg Rudolf Lind (1983) e Maria Esther Maciel (1983). Dessa forma, este estudo mostra que, em ambas as personas, a criação literária surge como transmutação da angústia, do cansaço e da náusea em expressão poética. Sob essa perspectiva, a obra dos dois se caracteriza como um projeto literário que é, ao mesmo tempo, um projeto filosófico existencial, não exatamente como a análise do comportamento subjetivo do

indivíduo dentro do contexto histórico, e sim como uma expressão poética desse próprio mundo sob uma perspectiva existencial.

Palavras-chave: Álvaro de Campos, Bernardo Soares, Angústia, Cansaço existencial, Náusea

Abstract: This article proposes an analytical reading of selected fragments and poems from the work of Fernando Pessoa, based on the analysis of texts by the semi-heteronym Bernardo Soares and poems by the heteronym Álvaro de Campos. The research aims to examine how anguish, fatigue, and nausea are articulated in the writings of these two literary personas, revealing modes of representing the crisis of the modern subject. The theoretical framework is primarily grounded in the concept of anguish developed by Martin Heidegger (2024), for whom this feeling possesses an ontological and productive character, insofar as the being, aware of its finitude, becomes capable of creating artistically from abandonment and lucidity in the face of death. In the works of Soares and Campos, anguish unfolds into existential fatigue and, in its extreme form, into nausea, understood as the poetic subject's reaction to the absurdity of existence. This conceptual triad — anguish, fatigue, and nausea — constitutes the axis that underpins the comparative reading between the two Pessoa voices, both marked by rejection of banality, introspection, and fragmentary consciousness of the self. The study also engages with Jean-Paul Sartre's *Nausea* (1938), a landmark of French existentialism, in which the protagonist Antoine Roquentin, like Bernardo Soares and Álvaro de Campos, confronts the emptiness of existence and the loss of meaning in the world. The crisis of the subject's unity, present in the fragments of Bernardo Soares, manifests analogously in the poems of Álvaro de Campos through a vertiginous movement between the authorial voice and the external world. The observation of reality transforms into introspective reflection and a process of self-denial, configuring writing as a space of questioning and revelation. The critical foundation of this article is based on Pessoa studies by Eduardo Lourenço (2017), Jerónimo Pizarro (2018), and Carlos Felipe Moisés (2005). For the analysis focused on Soares and Campos, which proposes comparative studies with the works of Heidegger and Sartre, research by Gabriela Sofia Martins Pó (2015), Georg Rudolf Lind (1983), and Maria Esther Maciel (1983) was utilized. Thus, this study demonstrates that, in both personas, literary creation emerges as a transmutation of anguish, fatigue, and nausea into poetic expression. From this perspective, the work of the two authors can be understood as a literary project that is simultaneously an existential philosophical project, not exactly as an analysis of the individual's subjective behavior within a historical context, but rather as a poetic expression of that very world from an existential perspective.

Keywords: Anguish, Álvaro de Campos, Bernardo Soares, Existential weariness, Nausea

Na edição do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, organizada por Richard Zenith e atribuída a Bernardo Soares, o editor observa que Álvaro de Campos, nascido em Tavira no dia 15 de outubro de 1890, após formar-se em engenharia naval em Glasgow, trabalhou em algumas cidades inglesas e, a partir de 1926, regressou a Lisboa, onde viveu até à sua morte em 1935. O semi-heterônimo Bernardo Soares também viveu em Lisboa, especialmente nas décadas de 1910 e 1930, e levou uma vida modesta como ajudante de guarda-livros, mas ambos nunca se encontraram na ficção, o que revela o complexo universo heteronímico de Fernando Pessoa, composto por múltiplas personalidades literárias que expressam, sob diferentes máscaras, a multiplicidade do eu. No entanto, o organizador da obra destaca um dado de grande relevância: o primeiro documento do *Livro do Desassossego* (trecho 230) apresenta a indicação “A. de C. ou L. do D.” (Zenith *apud* Pessoa 1999: 14), iniciais que remetem a Álvaro de Campos e ao *Livro do Desassossego*. Essa coincidência não deve ser entendida como mera curiosidade editorial, mas como indício de uma profunda afinidade estética entre as duas figuras. Há, portanto, uma interinfluência intelectual e simbólica que revela zonas de contato entre Álvaro de Campos e Bernardo Soares, em que ambos partilham um mesmo núcleo temático: o desencanto com a modernidade e a diluição da subjetividade do sujeito no mundo contemporâneo, expressos por meio de uma forma poética fragmentária que reflete a desagregação interior e a crise identitária características da sensibilidade moderna.

Essa relação manifesta-se em Álvaro de Campos, especialmente no poema “Opiário” (1915), de expressão decadentista, marcado pela influência do Romantismo tardio e do Simbolismo, no qual predominam o sentimento de tédio, impotência e insatisfação diante da vida. O poeta manifesta uma sensibilidade exaltada, consciente do vazio e da irrealização que caracterizam a condição moderna. O mesmo impulso interior é perceptível em Bernardo Soares, cuja escrita fragmentária e introspectiva, permeada por um constante desassossego, traduz a tentativa de compreender o próprio eu em meio à rotina banal e repetitiva da vida burguesa lisboeta.

Nos dois, nota-se a presença de um olhar contemplativo e lúcido que, ao mesmo tempo em que observa o mundo, reconhece a própria incapacidade de nele agir com plenitude, uma expressão, como observa Eduardo Lourenço (2017), do drama em gente que constitui a heteronímia pessoana, na qual a consciência se multiplica em vozes que tentam apreender, sem jamais resolver, a cisão do sujeito moderno.

Em Campos, especialmente nos poemas mais tardios, o sujeito lírico revela-se desiludido com o projeto modernista inicial de exaltação das sensações e da energia vital. A busca pela intensidade absoluta conduz ao esgotamento e à constatação de que toda tentativa de sentir plenamente resulta em frustração. Em Soares, a mesma expressão aparece na forma de um cansaço metafísico, uma espécie de resignação lúcida diante da impossibilidade de transcendência. A experiência da vida cotidiana é reduzida à observação passiva, e o ato de escrever torna-se um refúgio necessário para suportar

a vacuidade existencial. Dessa forma, estabelece-se entre eles uma comunicação subterrânea, em que o tédio e a lucidez coexistem, revelando a fragmentação do sujeito.

O presente artigo, ao considerar essa afinidade estética, seleciona textos de vertente existencialista e de tom melancólico das duas personalidades para um estudo analítico-interpretativo. A escolha fundamenta-se na hipótese de que tanto Álvaro de Campos quanto Bernardo Soares configuram representações distintas de um mesmo sujeito desdobrado, cuja experiência interior se constrói a partir da consciência da perda de unidade. Essa consciência, como já explanado, se reflete na escrita fragmentária, na recorrência ao monólogo interior e na meditação acerca do nada enquanto horizonte da experiência poética.

Além disso, em ambos os heterônimos, observa-se a construção do sujeito poético como *flâneur*,¹ figura que percorre as ruas de Lisboa guiada por uma lógica modernista e introspectiva. O *flâneur* pessoano não se limita a observar a cidade; ele se dissolve nela, projetando sobre o espaço urbano suas inquietações e angústias. Lisboa torna-se, assim, o espelho da alma dividida, um cenário simbólico da solidão moderna.

Em Soares, as caminhadas pela Baixa nos cafés lisboetas representam momentos de suspensão da rotina, nos quais a voz autoral reflete sobre a fugacidade da vida e o esvaziamento dos sentidos. Em Campos, as errâncias pela cidade e pelos portos traduzem o desejo de evasão e de experiência total, sempre frustrado pela consciência da limitação humana.

Como assinala Zenith, “Soares, quando não estava no escritório, gostava de caminhar na Baixa, onde frequentava talvez os mesmos cafés e a mesma tabacaria de Campos” (Zenith *apud* Pessoa 1999: 14–15). Essa observação reforça a confluência simbólica entre esses desassossegos pessoanos e permite refletir que, mais do que personagens distintos, Álvaro de Campos e Bernardo Soares são duas manifestações de uma mesma expressão poética fragmentada. Assim, a coexistência de ambos no universo de Pessoa evidencia não uma contradição, mas uma complementaridade: o engenheiro das sensações e o ajudante de guarda-livros representam, em polos distintos, o mesmo drama ontológico do sujeito moderno: o de sentir-se estrangeiro em si mesmo.

Afora as relações semânticas entre os textos das duas personalidades pessoanas, observa-se que, à semelhança dos fragmentos de Bernardo Soares, Álvaro de Campos também constrói sua poesia de modo fragmentário. Entre os três heterônimos de Fernando Pessoa – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis – o engenheiro naval é aquele que conduz sua expressão lírica pelo caminho da ruptura formal e da desagregação do discurso poético, como assinala Eduardo Lourenço (2017). Tal estética reflete não apenas uma estratégia literária, mas também uma postura existencial diante da experiência moderna. Enquanto Caeiro representa a unidade espontânea do ser e Reis a disciplina racional do pensamento, Campos traduz a percepção desintegrada e sensorialmente excessiva do indivíduo moderno, que busca no poema uma tentativa tantas vezes histórica, se pensarmos em seus poemas com versos onomatopéicos, de recompor a si mesmo.

Do ponto de vista estrutural, a poesia de Álvaro de Campos caracteriza-se pela predominância do verso livre e pela irregularidade métrica, aspectos que revelam uma voz poética fluida, dinâmica e profundamente subjetiva. Essa fluidez, longe de significar dispersão gratuita, traduz uma inquietação ontológica: o poeta não busca a forma perfeita, mas a expressão intensa e imediata da vida assombrada pela técnica. Sua poesia é, portanto, uma tentativa de apreender o inefável, de traduzir o caos das sensações e dos pensamentos que se sucedem vertiginosamente. Nesse sentido, a fragmentação em Campos aproxima-se da fragmentação de Soares, cuja expressão diarística e reflexiva constitui igualmente uma tentativa de ordenação precária do real, sempre prestes a se dissolver.

Diante dessa fluidez discursiva, Álvaro de Campos emerge como um poeta abandonado pelos deuses e entregue à própria sorte, construindo uma voz estridente e atormentada, afetada pelo mundo moderno e por suas contradições. Em seus poemas, manifesta-se uma busca desmedida por um dizer absoluto, por uma linguagem capaz de traduzir o turbilhão das sensações e das percepções mundanas. A necessidade de sentir tudo intensamente conduz à exaustão e à noção do limite: o eu poético, ao tentar abarcar o universo, depara-se com o vazio e a impossibilidade de totalidade. Essa tensão aparece de forma emblemática nos versos de “Ah, perante esta única realidade, que é o mystério”,² em que a voz poética escreve:

E d'este medo, d'esta angústia, d'este perigo do ultra-ser,
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir! [...]
Porque não affrontarei sorridente, inconsciente, a Morte? [...]
A penna em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo,
São mystérios menores que a Morte? Como se tudo é o mesmo mystério?
E eu escrevo, estou escrevendo [...] (Pessoa 2021: 220-222)

A expressão “ultra-ser”,³ presente neste poema, pode ser analisada a partir do conceito “ser-para-a-morte” (*Sein-zum-Tode*), formulado por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*), publicado originalmente em 1927. Segundo Heidegger (2024), o ser-para-a-morte constitui o modo autêntico da existência humana, na medida em que o indivíduo, ao reconhecer sua finitude, liberta-se da banalidade cotidiana e se confronta com sua própria totalidade. A angústia, nesse contexto, é o sentimento que revela a dimensão mais genuína do ser, pois desvela a nulidade das certezas e a precariedade das convenções do mundo.

De modo análogo, a voz poética de Álvaro de Campos manifesta uma compreensão radical da morte e do limite da existência. O poeta reconhece a impossibilidade de escapar ao “perigo do ultra-ser” e, ao mesmo tempo, assume essa angústia como força criadora. Escrever, para Campos, revela-se como uma forma de enfrentar a morte, de transmutar a finitude em expressão. O poema torna-se espaço simbólico onde a consciência do fim

é, paradoxalmente, superada pela permanência da palavra. Quando o poeta se pergunta “Porque não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte?”, ele não apenas interroga o destino humano, mas reivindica para a poesia o poder de resistir à dissolução. Sob essa perspectiva, de acordo com Carlos Felipe Moisés:

Álvaro de Campos evidentemente não está sozinho nesta empreitada. Ao seguir esta linha de reflexão sobre o sentido da existência, acompanha o fluxo do pensamento mais avançado e mais rebelde do século XIX, que valoriza o irracional, como em Nietzsche e Kierkegaard, e lança o embrião do que viria a ser, já no século XX, a filosofia da existência ou o existencialismo como em Heidegger ou Sartre. (Moisés 2005: 103)

Segundo essa abordagem, o ato de escrever configura-se como um gesto de afirmação ontológica: o sujeito, ao inscrever-se na linguagem, transcende sua própria condição efêmera. A voz poética de Campos cria o que Heidegger denominaria uma “possibilidade ontológica da presença” (Heidegger 2024: 250), uma experiência em que o ser se revela no limite entre o existir e o perecer. Assim, a poesia de Campos pode ser compreendida como uma ontologia estética do limite, em que a consciência da morte não conduz à paralisia, mas à criação.

A aproximação entre o “ultra-ser” de Campos e o “ser-para-a-morte” heideggeriano permite reconhecer na poética pessoana uma dimensão filosófica profunda, na qual o poema deixa de ser apenas um espaço de expressão subjetiva e se converte em campo de meditação existencial. Escrever, para o engenheiro das sensações, é confrontar o nada e afirmar a permanência da voz. A palavra poética torna-se a forma mais alta de perdurabilidade: ela não morre, permanece no tempo como testemunho de uma autoconsciência poética que ousou enfrentar o mistério.

Do mesmo modo daquele observado em Álvaro de Campos, o “ser-para-a-morte” heideggeriano manifesta-se em Bernardo Soares sob formas mais silenciosas e introspectivas. No *Livro do Desassossego*, a percepção da finitude é articulada não como explosão sensorial, mas como uma reflexão interiorizada e melancólica, que traduz o esgotamento da razão e a impossibilidade de transcendência. Um dos fragmentos mais expressivos dessa percepção aparece quando a voz poética propõe o fazer literário como “uma fuga para fora de Deus”:

Há um cansaço da inteligência abstracta, e é o mais horroroso dos cansaços. Não pesa como o cansaço do corpo, nem inquieta como o cansaço do conhecimento pela emoção. É um peso da consciência do mundo, um não poder respirar com a alma.

[...] O mistério da vida dói-nos e apavora-nos de muitos modos.

[...] se encontre uma fuga para fora de Deus e o mais profundo de nós deixe, não sei como, de fazer parte do ser ou do não-ser. (Pessoa 1999: 78)

Nesse fragmento, Bernardo Soares expressa o cansaço de um pensamento saturado de reflexão. O “cansaço da inteligência abstracta” é o mais “horroroso” porque decorre de uma lucidez excessiva, que retira do sujeito qualquer possibilidade de consolo ou repouso. Diferentemente do cansaço físico, que implica um esgotamento concreto e temporário, o cansaço da mente é contínuo e absoluto, pois resulta da compreensão da própria finitude e da ausência de sentido transcendente. Trata-se de um esgotamento ontológico: o sujeito não apenas se cansa de refletir, mas se cansa de ser.

Essa exaustão intelectual e espiritual está intrinsecamente ligada à impossibilidade de se apoiar em uma instância metafísica que justifique a existência. O fragmento evidencia que a voz autoral, ao propor “uma fuga para fora de Deus”, reconhece a perda de uma referência divina capaz de sustentar a experiência do ser. Assim, o fazer literário torna-se uma tentativa de evasão, não para alcançar uma verdade superior, mas para escapar da própria saturação da consciência. A literatura se estabelece, portanto, num lugar de transcendência, um espaço de criação que suplanta a ausência de Deus, ainda que temporariamente. Nessa ótica, a produção de Soares também se configura como um projeto literário que assume um caráter filosófico-existencial, entendida não como a análise da vivência subjetiva do indivíduo no contexto histórico, mas como uma elaboração poética desse próprio mundo sob um viés existencial.

Heidegger (2024: 328), em sua reflexão sobre o “ser-para-a-morte”, observa que o indivíduo autêntico é aquele que assume a angústia como modo de ser e se confronta com sua própria finitude. A angústia, enquanto disposição fundamental, revela o nada que sustenta o ser e o liberta das distrações do cotidiano. No *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares manifesta essa mesma consciência ontológica em “O mistério da vida dói-nos e apavora-nos de muitos modos” porque não há mais uma estrutura metafísica que o torne inteligível. Viver é estar sujeito ao acaso, ao indeterminado e ao inevitável, e é precisamente essa lucidez que caracteriza o sujeito moderno pessoano. Em Soares, essa noção se traduz na percepção de que o divino se dissolveu em silêncio: o sujeito ainda intui o mistério, mas já não crê em sua revelação.

Nesse sentido, o “cansaço da inteligência” representa o ponto máximo da lucidez trágica de Soares. A voz do autor alcança um estado de hiperconsciência que o impede de agir e de crer, mas que, paradoxalmente, o aproxima de uma forma de autenticidade existencial. Ao reconhecer o vazio, o sujeito liberta-se das ilusões metafísicas e se instala na angústia como condição inevitável do ser. Tal como o “ser-para-a-morte” heideggeriano, Soares assume a própria finitude e faz da escrita um exercício de permanência. A literatura, nesse contexto, é a tentativa de dar forma ao indizível, de registrar a experiência do nada sem apaziguá-la.

A escrita fragmentária de Bernardo Soares, marcada por intervalos de silêncio e pela confissão da impotência, expressa, assim, a condição do sujeito que colocou em dúvida todas as verdades estabelecidas e, por isso mesmo, reconhece que está entregue a si próprio; compreende que já não dispõe da estabilidade oferecida pelas crenças

compartilhadas, nem do amparo da fé ou da providência divina, às quais gerações anteriores delegavam a tarefa de conferir sentido à existência. Ao propor uma “fuga para fora de Deus”, o ajudante de guarda-livros não nega a transcendência, mas reconhece sua ausência como dado constitutivo da condição humana. Escrever torna-se, portanto, um ato de persistência e de revelação: uma maneira de existir à beira do abismo, de afirmar-se mesmo diante do mistério da vida e da morte.

Na relação entre Deus e o ser, Heidegger, no “Seminário de Zürich”, observa: “Deus e ser não são idênticos [...]. Ser e Deus não são idênticos, e eu nunca tentaria pensar a essência de Deus mediante o ser. [...] A fé não tem necessidade de pensar o ser. Se tivesse necessidade de fazê-lo, já não seria mais fé” (Heidegger 1992: 206-207). Nessa passagem, o filósofo estabelece uma distinção fundamental entre o âmbito da ontologia e o da teologia. Em primeiro lugar, ele afirma que o ser não é Deus e que Deus não pode ser pensado a partir do conceito de ser. Em segundo lugar, Heidegger sugere que a fé e o pensamento pertencem a esferas distintas: a fé prescinde da reflexão ontológica, pois, ao precisar dela, deixaria de ser fé.

Entretanto, essa separação entre Deus e o ser não implica uma ruptura absoluta. Embora o ser não seja um predicado divino, ele constitui o horizonte em que toda manifestação da fé se torna possível. Pode-se dizer, portanto, que o ser não pertence à teologia, mas é condição para a experiência do divino. Deus precisa do ser para se manifestar, ainda que dele se distinga. Essa tensão paradoxal, a de um Deus que necessita do ser, mas não se confunde com ele, é um dos pontos mais complexos da ontologia heideggeriana, pois revela o limite histórico entre a metafísica e o niilismo.

Heidegger identifica, na ausência de Deus no ser, um ponto limítrofe de transição no pensamento ocidental. A “retirada do divino” não implica a negação de Deus, mas antes a constatação de que o paradigma metafísico tradicional, que por séculos fundamentou o vínculo entre ser e transcendência, já não é suficiente para sustentar a experiência do sagrado. Trata-se, portanto, de reconhecer um deslocamento: o divino deixa de ocupar o centro estruturante do sentido, abrindo espaço para um pensamento que se volta à finitude e ao desamparo próprios da existência humana.

É sob esse prisma que se pode compreender o gesto de Bernardo Soares. Sua voz autoral encarna a tentativa de habitar o vazio deixado por Deus, propondo, como diz, “uma fuga para fora de Deus para que o mais profundo de nós deixe, não sei como, de fazer parte do ser ou do não-ser” (Pessoa 1999: 78). Essa fuga não é uma recusa do sagrado, mas o reconhecimento de sua impossibilidade no horizonte de um mundo desencantado.

Na escrita de Bernardo Soares, a angústia revela o desamparo essencial do ser humano diante do nada. Tal como em Heidegger, a angústia não é mero sofrimento, mas a abertura para a verdade do ser: uma experiência-limite que, ao romper com as antigas garantias metafísicas, permite que o pensamento se volte para o sentido originário da existência.

Tanto em Bernardo Soares quanto em Álvaro de Campos torna-se evidente a reflexão acerca da diferença entre o indivíduo que tem plena noção de si e aquele que vive alheio ao “ser-para-a-morte”. Em ambos, essa lucidez é o que distingue o sujeito autêntico do sujeito comum. A “inteligência abstrata” de Soares, ao reconhecer o absurdo da existência,⁴ confere-lhe uma percepção aguda do mundo e o separa do sujeito banal, que se refugia na alienação.

Em Álvaro de Campos, por sua vez, essa consciência se expressa de modo mais estridente e metalinguístico. A angústia leva o sujeito poético a afrontar a morte por meio da escrita, transformando o ato de escrever em ato de resistência. Ao afirmar “Eu escrevo, estou escrevendo” (Pessoa 2021: 222), o poeta declara que escrever é a própria forma de existir diante do nada. O texto torna-se o lugar em que o ser se afirma, mesmo na ausência de Deus, e onde a palavra substitui a fé como possibilidade de permanência.

No capítulo “Pluralidade” da obra *Ler Pessoa*, Jerónimo Pizarro (2018: 9-15) analisa a complexa relação entre o poeta e a ausência do divino, mostrando como a criação literária também é uma tentativa de reencontro ontológico do ser. Dessa forma, tanto Soares quanto Campos encarnam o encontro com o ser por meio da criação literária. Assim, o projeto pessoano pode ser compreendido como uma das expressões mais agudas da modernidade niilista: um pensamento que reconhece a ausência de Deus, mas que, mesmo nesse vazio, continua a buscar sentido por meio da palavra.

Na introdução que Richard Zenith realiza em sua edição do *Livro do Desassossego* (Pessoa 1999), destacam-se as passagens em que o ajudante de guarda-livros, aspirante a escritor, reflete sobre a sua própria geração. Nelas, observa-se a crise espiritual e existencial de um tempo marcado pela perda das certezas metafísicas e pela dissolução dos valores religiosos. Bernardo Soares afirma pertencer a “uma geração que herdou a descrença da fé cristã e que criou em si mesma uma descrença em todas as outras fés”. E, logo em seguida, acrescenta: “Ficámos, pois, cada um entregue a si próprio, na desolação de se sentir viver” (Pessoa 1999: 289).

Essas palavras condensam a experiência do sujeito moderno que, privado de transcendência, encontra-se entregue a si mesmo, sem qualquer horizonte absoluto que oriente sua existência. A voz autoral de Soares reconhece que vive à margem de tudo, de Deus, da fé, das ideologias, e por isso não pode acreditar em um Deus transcendente nem em uma verdade exterior que dê sentido à vida. A sua solidão é, portanto, ontológica: deriva da lucidez diante do vazio e da consciência de que o ser se tornou um campo desabitado pela divindade.

Heidegger (2023), ao analisar o pensamento ocidental moderno, identifica essa mesma ruptura na história do ser. Segundo ele, o advento das revoluções industriais e a ascensão do capitalismo conduziram a uma sociedade que transformou a tecnologia em sua nova metafísica. O filósofo argumenta que a técnica moderna⁵ deixou de ser apenas um meio para alcançar determinados fins e passou a estruturar o próprio modo de compreender o mundo e o sujeito. Dessa forma, a essência da técnica não reside em

instrumentos ou máquinas, mas na forma de revelação do real: tudo passa a ser visto como recurso, como algo disponível e manipulável.

Nesse contexto, a vida do indivíduo comum torna-se progressivamente privada de sentido pessoal. O sujeito moderno, reduzido à sua função produtiva, perde a capacidade de questionar o ser e de se reconhecer como existência autêntica. A identidade se dissolve em papéis sociais e econômicos, e o indivíduo transforma-se naquilo que é exigido que ele seja, segundo as necessidades do sistema capitalista.

Esse modo utilitário de estar no mundo, fundamentado na produtividade e na eficácia, representa, para Heidegger (2023), uma forma de degradação humana, pois impede o sujeito de se relacionar de modo originário com o ser.

Para evitar essa deterioração, o filósofo propõe que o sujeito busque outras formas de habitar o mundo, especialmente por meio da arte e da poesia. Segundo ele, somente na experiência estética é possível preservar o ser, pois na poesia reside uma dimensão da existência que a técnica não é capaz de dominar. A arte, nesse sentido, constitui um espaço de resistência: nela o indivíduo pode reencontrar a verdade do ser e libertar-se, ainda que parcialmente, do domínio da racionalidade instrumental.

Nessa ótica, a figura de Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros, encarna de modo exemplar o sujeito que vive a consciência trágica da modernidade. O indivíduo sabe que não há mais fé nem transcendência que o ampare; resta-lhe apenas a consciência do “ser-para-a-morte”, na qual sua voz poética se manifesta. Quando Soares confessa sentir “um peso da consciência do mundo”, ele exprime não apenas o fardo de existir, mas a própria experiência da finitude e da lucidez, uma consciência de si mesmo e de seus abismos interiores. O desassossego, nesse sentido, é a expressão estética que o ser assume fragmentariamente diante do vazio.

No *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares não escreve para narrar o mundo, mas para suportá-lo; não busca consolo, mas expressão. A pergunta que se impõe, ao final, é inevitável: que tipo de vida é possível para além da produção literária? Essa questão resume o dilema do sujeito moderno pessoano, condenado a existir com lucidez, consciente da morte e da ausência de Deus, e que encontra na palavra o último abrigo da experiência do ser.

Bernardo Soares, ao propor uma “fuga para fora de Deus”, realiza um gesto de negação radical da transcendência, que, no entanto, só se efetiva no âmbito da linguagem. Essa fuga não representa um simples afastamento da fé ou da religiosidade tradicional, mas uma tentativa de libertar o Deus metafísico do ser, de dissolver a ideia de uma divindade que funda e sustenta a existência. Assim, a escrita literária torna-se o meio privilegiado dessa libertação: por meio dela, o autor busca uma voz autêntica, que não dependa de qualquer princípio exterior para legitimar-se.

Esse risco existencial, de investir a própria essência na construção de sentido, encontra ressonância na experiência poética, na qual a consciência intensa e a reflexão profunda tornam-se ao mesmo tempo instrumento e fardo. Essa tensão entre criar

significado e sentir-se esgotado pelo próprio pensamento configura o terreno do “cansaço da inteligência abstracta” e reverbera na poesia de Álvaro de Campos, que exprime esse estado de espírito de modo visceral e fragmentário nos seguintes versos:

Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem passo,
A banalidade devorante das caras de toda a gente!
Ah, a angústia insuportável de gente!
O cansaço inconvertível de ver e ouvir!

(Murmúrio outrora de regatos próprios, de arvoredos meus).

Queria vomitar o que vi, só da náusea de o ter visto,
Estômago da alma alvorotado de eu ser... (Pessoa 2021: 339)

Nesses versos, o eu lírico aparece como um estrangeiro em meio à multidão, um sujeito que caminha pela cidade sem realmente pertencer a ela: “onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem passo”. A experiência urbana, em vez de oferecer reconhecimento ou identidade, produz despersonalização e mal-estar. O convívio humano torna-se fonte de angústia: “Ah, a angústia insuportável de gente!”. A voz poética se vê tomada pelo desejo de isolamento, de afastamento da banalidade e da repetição que caracterizam a vida social moderna.

Os versos de Álvaro de Campos, nesse sentido, podem ser interpretados como uma atividade autotélica, voltada para si mesma, cujo único fim é o próprio exercício da criação. O poeta não escreve para comunicar uma mensagem exterior, mas para exprimir a energia caótica de sua consciência e dar forma ao seu desassossego. O verso “(Murmúrio outrora de regatos próprios, de arvoredos meus)” sugere o retorno melancólico a uma interioridade perdida, a um espaço de autenticidade que já não existe senão como lembrança.

Aborrecido da convivência social e desencantado com a vida coletiva, Campos reconhece na sociabilidade um desperdício da individualidade: “a banalidade devorante de toda a gente!”. A cidade, com seu ritmo acelerado e sua superficialidade, converte-se em metáfora do niilismo moderno, um espaço onde o sentido é substituído pela repetição, e o ser, pela aparência. O poeta denuncia a “angústia insuportável de gente” como uma recusa à hipocrisia das relações humanas e à mecanização das emoções.

A náusea, que surge nos versos seguintes: “Queria vomitar o que vi, só da náusea de o ter visto”, representa o ápice dessa saturação existencial. Ela simboliza a repulsa tanto pelo mundo exterior quanto por si mesmo. A voz poética, tomada por um “estômago da alma alvorotado de eu ser”, sente-se enjoada de sua própria existência, como se a consciência de si fosse excessiva, insuportável. Essa náusea revela a dissolução dos limites entre o eu e o mundo, entre o pensamento e o corpo, entre o sentir e o existir.

Trata-se, portanto, de uma implosão do sujeito: o eu lírico volta-se contra si, transformando a lucidez em maldição. A consciência torna-se peso, e o pensamento, veneno. Assim como em Soares, o cansaço em Campos é sintoma de uma lucidez extrema, de um saber que já não oferece salvação. O poeta compreende a realidade de forma tão totalizante que nada mais pode lhe causar espanto, restando apenas o tédio e o asco.

De modo mais amplo, é possível perceber que a poesia de Campos opera simultaneamente em duas direções: de um lado, como crítica social, ao denunciar a alienação e o conformismo da vida urbana; de outro, como autocrítica e cansaço existencial, ao revelar a própria incapacidade do indivíduo de encontrar sentido em si mesmo. A voz poética experimenta a desintegração de sua personalidade e a impossibilidade de reconciliação com o mundo, movimento que a aproxima de Bernardo Soares e de sua “fuga para fora de Deus”.

O cansaço existencial constitui um dos eixos centrais da narrativa *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre (2019), obra publicada originalmente em 1938, que se tornou um marco do existencialismo francês. Escrita em forma de diário, a narrativa acompanha Antoine Roquentin, um historiador que, ao perceber que tanto a sua história pessoal quanto a própria “História” universal são construções ficcionais, decide abandonar a biografia que estava escrevendo e iniciar a produção de um romance. Essa tomada de consciência marca o momento em que o sujeito rompe com a ilusão da racionalidade e reconhece o caráter absurdo da existência.

A experiência da náusea em Roquentin é comparável ao tédio fundamental que atravessa a poesia de Álvaro de Campos. O personagem sartriano e o engenheiro naval pessoano vivem uma revelação ontológica que os coloca diante da contingência e do desamparo do ser. Em *A Náusea*, o protagonista relata uma série de situações cotidianas em que é tomado por um sentimento de repulsa e estranhamento em relação ao mundo e a si mesmo. Essa repulsa não é física, mas existencial: trata-se da percepção súbita de que tudo o que existe é gratuito e sem propósito.

Para Sartre, a náusea é o sentimento primordial da existência, pois revela o absurdo como essência do real. O indivíduo, ao tomar consciência de que não há fundamento transcendente, experimenta a vertigem do nada. A náusea é, assim, uma forma de lucidez dolorosa diante do ser, uma reação ao fato de existir sem razão. Ao compreender a absurdez da existência, o sujeito é invadido por uma sensação de impotência, que se transforma, paradoxalmente, em condição de liberdade.

Em Álvaro de Campos, a náusea desempenha função semelhante. Ela se manifesta como uma reação sensorial e espiritual ao excesso de consciência e de estímulos. O poeta, dominado por uma hiperconsciência do mundo e de si mesmo, experimenta o tédio, o cansaço e o desencanto como sintomas de uma vida que perdeu o sentido. O “cansaço inconvertível de ver e ouvir” expressa a saturação de um sujeito que sente demais e pensa demais, até o ponto de se esgotar em si mesmo. Em Campos, o excesso

de sensações conduz à exaustão e a busca pela totalidade acaba se transformando em experiência do vazio.

Tanto em Sartre quanto em Campos, a náusea traduz uma forma radical de negação. Ambos rejeitam as convenções sociais, o conformismo burguês e as ilusões da transcendência. Há, em suas obras, uma expressão da negação que se estende à própria noção de sujeito: o indivíduo nega a sociedade, a fé, a moral e, em última instância, a si mesmo. Essa recusa é a expressão extrema da lucidez moderna, em que a consciência se volta sobre si até o limite do insuportável.

A descoberta da inutilidade do ser decorre dessa mesma lucidez. Tanto Álvaro de Campos quanto Bernardo Soares, ao anteciparem reflexões que mais tarde seriam exploradas na obra *A Náusea*, reconhecem o mistério da existência e a inexorabilidade da morte, e ambos sofrem do cansaço que vai consumir Roquentin. A perda da inocência, que impede qualquer forma de crença, torna-os lúcidos e, portanto, angustiados. Soares descreve esse estado com clareza dolorosa:

Acontece-me às vezes, e sempre que acontece e quase de repente, surgir-me no meio das sensações um cansaço tão terrível da vida que não há sequer hipótese de acto com que dominá-lo. Para o remediar o suicídio parece incerto, a morte, mesmo suposta a inconsciência, ainda pouco. É um cansaço que ambiciona, não o deixar de existir — o que pode ser ou pode não ser possível —, mas uma coisa muito mais horrorosa e profunda, o deixar de sequer ter existido, o que não há maneira de poder ser. (Pessoa 1999: 157)

Bernardo Soares reconhece a impossibilidade de dominar o cansaço existencial. Não há ação capaz de aliviá-lo, nem mesmo o suicídio ou a morte oferecem uma solução. Trata-se de um esgotamento absoluto, que não busca apenas o fim da vida, mas a anulação da própria passagem pela existência. Esse desejo de “deixar de sequer ter existido” revela a dimensão trágica da existência na modernidade, marcada pela lucidez que se volta contra o próprio ser.

Nesse ponto, as vozes de Roquentin, Campos e Soares se encontram. Todas exprimem a condição de um sujeito que perdeu o amparo do divino, a confiança na razão e o sentido de finalidade. O que resta é a consciência nua do existir e o desconforto que dela decorre. A náusea, a angústia e o cansaço são, portanto, manifestações diferentes de uma mesma experiência existencial e estética.

Em suas obras, o ato de escrever emerge como tentativa de expressão desse absurdo. Tanto Sartre quanto Pessoa fazem da literatura o espaço onde o ser se confronta consigo mesmo e encontra, no próprio desespero, uma forma paradoxal de criação. Assim, a náusea não é apenas a constatação do absurdo, mas também o impulso que transforma o sofrimento em linguagem e a lucidez em poesia.

Nesse sentido, a crise da unidade do sujeito, perceptível nos fragmentos de Bernardo Soares, manifesta-se, à semelhança dos poemas de Álvaro de Campos, por meio de

um movimento vertiginoso entre o eu poético e o mundo. O sujeito se vê lançado em um processo contínuo de oscilação entre o exterior e o interior, entre a percepção da realidade e a introspecção reflexiva que conduz à sua própria dissolução.

É a partir da observação da realidade exterior que o eu lírico empreende uma trajetória em espiral rumo à reflexão interior, resultando num processo de autonegação e de fragmentação identitária. A náusea, nesse sentido, pode ser compreendida como o estado extremo da angústia, resultado da consciência aguda da realidade e da busca incessante por um conhecimento absoluto da existência. Ela é o ponto em que o desejo de compreender o mundo entra em conflito com a impossibilidade de alcançar esse conhecimento.

Tal tensão entre o impulso de saber e a consciência de que o saber é limitado corresponde, em termos filosóficos, ao “primeiro motor” descrito por Aristóteles (2002) em sua *Metafísica*, princípio eterno e imóvel que, embora não atue de forma direta sobre as coisas, move tudo por ser objeto de desejo e de pensamento. Esse motor não é uma causa eficiente, mas uma causa final:⁶ ele atrai o movimento do cosmos porque é o alvo último da contemplação e da aspiração intelectual.

Do mesmo modo, o espírito humano é impelido a pensar, a buscar sentido e a criar, não porque possa alcançar a verdade absoluta, mas porque é movido pelo desejo de compreendê-la. Assim, o “primeiro motor” aristotélico pode ser entendido, simbolicamente, como a força que mantém viva a inquietação do pensamento, a energia que faz do sujeito um ser em perpétua busca. Ao regressarmos infinitamente na cadeia das causas, atingimos o princípio primeiro, a fonte de toda existência. Que outro nome poderia ter, senão o “primeiro motor”?

Em *A Náusea*, essa força manifesta-se como a necessidade de compreender o absurdo; em Bernardo Soares e Álvaro de Campos, como o impulso de transformar essa consciência em linguagem. A literatura, portanto, surge como uma tentativa de reconciliar o movimento do pensamento com a impossibilidade de sua realização plena, o mesmo paradoxo que, em Aristóteles, sustenta o movimento do universo.

Em ambos os heterônimos, o drama do eu fragmentado manifesta-se na tensão constante entre o real e o irreal. Suas vozes autorais se contrapõem a si mesmas em um diálogo interior que oscila entre a lucidez e a vertigem. Embora essas reflexões possam ser compreendidas a partir de uma perspectiva niilista, há nelas também uma dimensão esotérica, na medida em que a experiência do mistério se torna uma categoria de conhecimento. Álvaro de Campos e Bernardo Soares concebem o eu como um espaço limitado, circunscrito dentro de suas próprias fronteiras, mas que, paradoxalmente, procura transcender a si mesmo. Essa transcendência, contudo, não se realiza em Deus, mas na tentativa de compreender o mistério do ser.

A palavra “mistério”, recorrente nos fragmentos de ambos, assume um valor simbólico. Em Álvaro de Campos, lemos: “Ah, perante esta única realidade, que é o mistério” (Pessoa 2021: 220-222); e em Bernardo Soares: “O mistério da vida dói-

-nos e apavora-nos de muitos modos” (Pessoa 1999: 78). Nesses trechos, o mistério é apresentado como a essência do real e, ao mesmo tempo, como o limite da razão humana. As vozes literárias reconhecem a impossibilidade de decifrar o enigma da existência e, diante disso, experimentam o cansaço, a angústia e a náusea como modos de consciência. Assim, os textos de ambos suscitam mais perguntas do que respostas, reforçando a dimensão interrogativa da literatura moderna.

Na impossibilidade de um saber total e diante da constatação de que a vida carece de sentido, Álvaro de Campos recorre à ambiguidade e à contradição como formas de expressão do absurdo. A multiplicidade de vozes, a oscilação entre opostos e a recusa da síntese são procedimentos que traduzem a inquietude de seu pensamento poético. Isso se evidencia no célebre poema em que o eu lírico declara:

O que ha em mim é sobretudo cansaço —
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, elle mesmo,
Cansaço. (Pessoa 2021: 307)

Os versos expressam um estado de esgotamento existencial absoluto. O eu lírico, tomado por uma fadiga sem objeto e sem causa, revela o vazio interior que o consome. O uso reiterado da palavra “cansaço” e a ausência de referências concretas produzem um efeito de circularidade e de saturação, característicos da linguagem moderna apropriada por Campos. O sujeito poético não sente tédio por um motivo específico; ele simplesmente está cansado.

Esse cansaço não é apenas físico, mas ontológico. Ele traduz a impossibilidade de reconciliação entre o sujeito e o mundo, entre o pensamento e a ação. Em Campos, como em Soares e em Sartre, a existência torna-se uma experiência-limite, em que o excesso de lucidez leva ao colapso do eu.

O cansaço que se manifesta na poesia de Álvaro de Campos encontra correspondência nos fragmentos de Bernardo Soares, revelando uma unidade temática e formal entre as duas personalidades poéticas de Fernando Pessoa. A compreensão da dinâmica do *Livro do Desassossego*, composto por uma multiplicidade de fragmentos, reflexões e estados de alma, passa necessariamente pelo reconhecimento da presença constante do cansaço, entendido não apenas como exaustão física, mas como uma condição existencial. Em meio ao turbilhão de pensamentos, percepções e divagações, a fadiga mental emerge como a atmosfera dominante que envolve a voz autoral, uma sombra persistente que permeia toda a sua visão de mundo e traduz o desgaste de existir em uma realidade destituída de sentido.

No *Livro do Desassossego*, são frequentes as passagens em que a voz autoral exprime um cansaço absoluto, atravessado pela melancolia e pelo tédio. Bernardo

Soares declara: “O que tenho sobretudo é cansaço, e aquele desassossego que é gêmeo do cansaço quando este não tem outra razão de ser senão o estar sendo” (Pessoa 1999: 312). Essa afirmação sintetiza o sentimento fundamental de sua existência, marcada por uma consciência aguda de si e pela percepção de que o simples ato de “estar sendo” já constitui uma forma de fadiga. O cansaço é, portanto, uma resposta à lucidez e à incapacidade de suportar o excesso de realidade.

Em outro fragmento, a voz autoral amplia essa sensação até o campo metafísico: “o cansaço, não só de ontem e de hoje, mas de amanhã também, da eternidade, se a houver, e do nada, se é ele que é a eternidade” (Pessoa 1999: 345). O cansaço deixa de ser temporal e torna-se existencial, estendendo-se ao infinito e contaminando a própria ideia de eternidade. Trata-se de uma espécie de saturação da consciência, provocada pela super reflexão e pela impossibilidade de reconciliar o pensamento com a experiência concreta. Nessa condição, Bernardo Soares assume uma postura de distanciamento em relação ao mundo e às “criaturas vulgares”, preferindo a solidão contemplativa à convivência social. A liberdade, para ele, confunde-se com o isolamento; a interioridade torna-se um refúgio e, ao mesmo tempo, uma prisão.

George Rudolf Lind (1983), ao caracterizar o *Livro do Desassossego* como um breviário do decadentismo, observa que Soares compartilha com Baudelaire e Rimbaud a sensação de marginalidade e de inadequação à sociedade moderna. Embora exerça uma profissão burguesa e mantenha uma rotina aparentemente ordenada, o ajudante de guarda-livros da Rua dos Douradores sente-se deslocado no mundo, vivendo à margem das normas sociais e espirituais. Sua marginalidade é o resultado de uma “anormalidade da alma”, como ele mesmo define, uma espécie de desajuste essencial que o impede de se identificar com o comum das gentes. Ele confessa: “A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta senão, como a meus poucos pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino?” (Pessoa 1999: 45).

Essa renúncia não implica resignação, mas um modo de resistência silenciosa. A voz autoral opta por uma vida contemplativa, na qual o pensamento substitui a ação e o sonho suplanta a experiência. O cansaço, nesse contexto, é também uma forma de lucidez: ele marca a distância crítica entre o eu e o mundo, entre o espírito e a banalidade do cotidiano. Assim, o cansaço torna-se o ponto de convergência entre o niilismo e a estética dos heterônimos, revelando um eu poético que percebe o absurdo da existência, mas que, ainda assim, insiste em pensar e escrever.

Fenomenologia da existência humana

Em *A Fenomenologia do Tédio no Livro do Desassossego: de Martin Heidegger a Fernando Pessoa*, Gabriela Sofia Martins Pó (2015) propõe compreender o tédio como uma afinação do ser-aí (Dasein) heideggeriano,⁸ articulada a outras afecções existenciais, como cansaço, angústia e náusea. De acordo com a autora, o cansaço que acompanha o tédio não é físico nem intelectual, mas um cansaço mais profundo: o cansaço da própria

existência, como já analisado neste artigo. Sob essa perspectiva, Pó defende que o *Livro do Desassossego* comporta um discurso fenomenológico, configurando uma verdadeira “fenomenologia da existência humana” e, mais especificamente, uma “fenomenologia do tédio” (Pó 2015: 124).

Segundo Pó, essa experiência do tédio encontra seu fundamento histórico-existencial naquilo que Bernardo Soares identifica como a herança de sua geração: a dor de não haver certeza. O colapso da metafísica, promovido pelo positivismo, destruiu as verdades morais e transcendentais, relegando ao estatuto de conhecimento apenas o que é empiricamente verificável. As consequências desse processo afetam profundamente a experiência ética e existencial do sujeito moderno, que se vê privado de critérios absolutos de orientação. Com a afirmação da “morte de Deus”, instala-se um cenário em que tudo é permitido, lançando o ser humano numa condição de abandono, angústia e perda das referências que outrora conduziam à verdade.

Nesse contexto, a vida moderna passa a ser marcada pela distração contínua e pela recusa da reflexão. O sujeito ocupa-se incessantemente para evitar o confronto consigo mesmo, afastando-se do seu próprio eu. Bernardo Soares, porém, opõe-se a essa lógica dominante: privilegia a solidão, a introspecção e a reflexão, em busca de si mesmo. A sua relação afetiva com o mundo leva-o a intuir a existência de um ser para além dos entes e a reconhecer que a convivência banal com o mundo o distancia de si mesmo. Por isso, isola-se, encontrando, nesse processo, o vazio de sua origem.

É precisamente nesse ponto que o tédio se articula ao nada. Em “O ser e o nada em Álvaro de Campos”, Maria Esther Maciel (1983) observa que o confronto com o nada constitui o núcleo da experiência existencial de Campos. O sujeito torna-se um problema para si mesmo ao defrontar-se com o próprio nada, vivendo a sensação de suspensão no vazio, como se existir fosse apenas estar lançado sem fundamento último. Tal experiência manifesta-se como angústia, compreendida tanto como queda na inautenticidade, em Heidegger, quanto como necessidade radical de escolha, em Sartre.

De acordo com Maciel, no pensamento sartreano, a angústia nasce do desejo impossível de que a consciência se torne uma realidade plena e definitiva, ou seja, de que seu ser subjetivo se fixe como algo completo e seguro; contudo, a realidade em si, enquanto algo independente e imutável, é continuamente negada pela própria consciência. Já em Heidegger, a angústia revela o *Dasein* como um ser lançado em suas possibilidades, exposto à existência e à finitude, sem garantias ou estabilidade, imerso no aberto do ser. Álvaro de Campos encarna poeticamente essa condição: lançado na contingência de sua própria existência, não se constitui como um eu estável, mas como uma síntese trágica entre tudo e nada. Sua poesia exprime a situação de um sujeito afastado de sua própria condição pelas circunstâncias da vida, coagido a existir em um mundo que o obriga a ser aquilo que não deseja, sentindo-se “tão real quanto uma metáfora” (Maciel 1983: 9).

É nesse horizonte que o tédio se radicaliza e se converte em náusea. Segundo Pó (2015), no *Livro do Desassossego*, o tédio associa-se frequentemente ao nojo e à repulsa pela existência vulgar. Os outros e suas conversas provocam em Bernardo Soares um tédio, acompanhado de uma angústia e da consciência dolorosa de sua semelhança com aqueles que despreza. O tédio torna-se físico, corporal, manifestando-se como mal-estar e impulso de vômito, numa experiência que ultrapassa o nível intelectual.

Essa dimensão corporal do tédio aproxima Bernardo Soares de Antoine Roquentin, protagonista de *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre, para quem a náusea não está apenas no sujeito, mas no próprio mundo. Gabriela Sofia Martins Pó destaca que o tédio constitui um fenômeno consciente que se revela como “compreensão afetiva” (Pó 2015:183), expressando-se como cansaço, angústia e náusea, numa duração metafísica que retém a tensão entre o temor e a rejeição visceral do repugnante.

Do mesmo modo, Maria Esther Maciel observa que, em Álvaro de Campos, o confronto com a morte faz emergir a náusea sartriana: a realidade reduz-se a uma massa informe, uma “lassidão gelatinosa” (Maciel 1983: 11), um nada que esvazia o sentido da existência e transforma a vida em mero pretexto para a morte. A náusea surge, assim, como o ápice da angústia, expressão extrema de uma consciência saturada pela evidência da contingência.

Segundo Maciel, Heidegger argumenta que a morte vive em constante maturação no indivíduo, sendo um a priori da condição humana. Álvaro de Campos vive essa morte de forma antecipada: vivê-la por um instante equivale a vivê-la eternamente. Dessa antecipação nasce uma experiência de intemporalidade que atravessa a finitude e funda a própria poesia. O mesmo pode ser dito de Bernardo Soares, para quem o tédio, o cansaço e a náusea revelam o vazio do ser e a dificuldade radical de habitar o mundo. Em ambos, a poesia emerge como expressão estética dessa síntese fundamental entre o ser e o nada, configurando uma ontologia poética do limite, em que a lucidez não conduz à superação do absurdo, mas à sua revelação trágica e consciente.

Como se desenvolveu ao longo deste estudo, observa-se que as duas personas pessoais partilham a consciência de que a vida não se organiza segundo uma narrativa linear, com início, meio e fim definidos, sendo antes poeticamente representada como um conjunto de fragmentos desconexos, instantes desarticulados que se sucedem sem finalidade. Essa escrita fragmentária se desdobra em múltiplas vozes que expressam angústia, cansaço e náusea, revelando a dissolução do sujeito e da linguagem como reflexo da própria fragmentação do mundo moderno, cuja complexidade as vozes poéticas procuram apreender, ainda que cientes da impossibilidade de qualquer totalidade; desse modo, tais sentimentos não se configuram apenas como temas recorrentes na obra de Álvaro de Campos e de Bernardo Soares, mas constituem, efetivamente, um princípio estruturante de ambas as produções.

NOTAS

* Priscila Bosso Topdjian é pesquisadora brasileira (<https://orcid.org/0009-0003-5791-6589>) possui formação em Letras (habilitação em Inglês) e Jornalismo, além de Mestrado em Estudos Literários, concluído em 2021 pela UNESP, campus de São José do Rio Preto/SP, com bolsa CAPES. Atualmente, realiza doutorado sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, após aprovação em primeiro lugar na seleção do PPG Letras da UNESP e contemplação com bolsa PDSE/CAPES, na área de Teoria e Estudos Literários. Desde 2019 é professora titular de Literatura Brasileira e Filosofia no Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP) e, em 2023 e 2024, atuou como professora substituta nas disciplinas de Poesia Brasileira I e II na UNESP. É autora do livro de poemas *entrenuvs*, premiado com o Prêmio Nelson Seixas em 2023 (premição brasileira de incentivo à cultura). Seu campo de conhecimento concentra-se na área de Letras, com ênfase em Poesia e Teoria Literária, abordando temas como Poesia e Filosofia, Estética, Modernidade e Aporias.

¹ O *flâneur*, conceito central na França do século XIX e destacado por Baudelaire, designa o observador urbano que percorre a cidade contemplando seus detalhes e a vida moderna, mantendo distanciamento crítico e sensibilidade estética (Benjamin 1994).

² Optou-se por manter a grafia original dos poemas de Álvaro de Campos, conforme publicada na *Obra completa de Álvaro de Campos* (2021), edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, Lisboa, Tinta-da-China.

³ Estudos como o de Nuno Ribeiro, especialista no espólio de Fernando Pessoa, apresentado na FLUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) no dia 11 de novembro de 2025, no colóquio “A experiência contemplativa no pensamento e na cultura portuguesas”, sugerem que suas reflexões sobre o infinito, o absoluto e a dissolução do eu dialogam simbolicamente com conceitos da Cabala, especialmente a ideia de uma realidade suprema e transcendente, que pode ser associada ao conceito de “Ultra ser”, representando uma dimensão além da subjetividade individual.

⁴ O termo “absurdo” está aqui empregado segundo a concepção de Albert Camus, para quem ele designa o confronto entre o anseio humano por sentido e o silêncio indiferente do mundo. O absurdo não reside nas coisas, mas nessa relação de tensão entre a consciência e o real. Assim, em vez de buscar uma saída transcendente, o sujeito camusiano assume o absurdo e o vive em atitude de revolta lúcida (Camus 2019).

⁵ Para Habermas, a racionalidade instrumental moderna não se limita à escolha eficiente de meios para alcançar fins, mas transforma a relação do sujeito com o mundo, fazendo com que a realidade seja percebida como recurso disponível e manipulável. Assim, a técnica deixa de ser neutra e passa a estruturar a própria forma de compreensão do real (Habermas 2022: 12-20).

⁶ Em Aristóteles, a causa eficiente é o princípio que produz diretamente uma mudança ou ação, isto é, o agente que dá início ao processo (por exemplo, o poeta como causa eficiente do poema). A causa final, por sua vez, é o fim ou objetivo em vista do qual algo ocorre, aquilo que orienta o movimento ou a ação. No trecho citado, o primeiro motor imóvel não é causa eficiente, pois não age diretamente sobre as coisas, mas causa final, já que move o cosmos ao ser objeto de desejo e de pensamento.

⁷ Nem mesmo a tradutora de *Ser e Tempo*, Márcia Sá Cavalcante, traduziu com precisão o *ser-aí* (*Dasein*) heideggeriano; ainda assim, de forma aproximada, podemos entendê-lo como o ser humano enquanto existência concreta e situada, para quem o próprio ser é uma questão e se revela por meio de disposições

afetivas fundamentais, como o tédio e a angústia (Heidegger, Martin (2024), *Ser e Tempo*, Petrópolis: Vozes [2015], 30).

Bibliografia

- Aristóteles (2002), *Metafísica*, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale, São Paulo, Edições Loyola.
- Benjamin, Walter (1994), *Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*, tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista, São Paulo, Brasiliense [1989].
- Camus, Albert (2018), *O Mito de Sísifo*, tradução de Ari Roitman e Paulina Watch, Rio de Janeiro, Record.
- Habermas, Jürgen (2022), *Teoria da Ação Comunicativa. Para a crítica da razão funcionalista*, tradução de Luiz Repa, São Paulo, Editora Unesp: 12-20.
- Heidegger, Martin (2023), *Ensaio e Conferências*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, Vozes [2012].
- (1992), *Seminare*, Milão, Adelphi Edizioni.
- (2024), *Ser e Tempo*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, Vozes [2015].
- Lind, Georg Rudolf (1983), "O livro do desassossego: um breviário do decadentismo", *Persona*, nº 8, Porto: 21-27.
- Lourenço, Eduardo (2017), *Pessoa Revisitado*, Rio de Janeiro, Tinta-da-China Brasil.
- Maciel, Maria Esther (1983), "O ser e o nada em Álvaro de Campos", *Boletim*, nº 10, Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: 7-13.
- Moisés, Carlos Felipe (2005), *Fernando Pessoa. Almoxarifado de mitos*, São Paulo, Escrituras.
- Pessoa, Fernando (1999), *Livro do Desassossego*, composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, organização de Richard Zenith, São Paulo, Companhia das Letras.
- (2021), *Obra Completa de Álvaro de Campos*, edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, Lisboa, Tinta-da-China [2014].
- Pizarro, Jerónimo (2018), *Ler Pessoa*, Lisboa, Tinta-da-China.

- Pó, Gabriela Sofia Martins (2015), *A Fenomenologia do Tédio no Livro do Desassossego: de Martin Heidegger a Fernando Pessoa*, tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de Doutora em Filosofia, sob orientação da Professora Doutora Irene Borges Duarte.
- Ribeiro, Nuno (2025), “Quantas Kabballas meditei: a recepção do pensamento cabalístico na obra de Fernando Pessoa”, comunicação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, 11 nov.
- Sartre, Jean-Paul (2019), *A Náusea*, tradução de Rita Braga, Rio de Janeiro, Nova Fronteira [1980].